

ESTUDOS ARQUEOLÓGICOS DE OEIRAS

Volume 5 • 1995



CÂMARA MUNICIPAL DE OEIRAS
1995

ESTUDOS ARQUEOLÓGICOS DE OEIRAS
Volume 5 • 1995 **ISSN: 0872-6086**

COORDENADOR E
RESPONSÁVEL CIENTÍFICO – João Luís Cardoso
PREFÁCIO – Isaltino Morais
CAPA – João Luís Cardoso
FOTOGRAFIA – Autores assinalados
DESENHO – Bernardo Ferreira, salvo os casos
devidamente assinalados
PRODUÇÃO – Luís Macedo e Sousa
CORRESPONDÊNCIA – Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho
de Oeiras – Câmara Municipal de Oeiras
2780 OEIRAS

Aceita-se permuta
On prie l'échange
Exchange wanted
Tauschverkehr erwünscht

ORIENTAÇÃO GRÁFICA E
REVISÃO DE PROVAS – João Luís Cardoso
MONTAGEM, IMPRESSÃO E ACABAMENTO – Sogapal, Lda.
DEPÓSITO LEGAL N.º 97312/96

Estudos Arqueológicos de Oeiras,
5, Oeiras, Câmara Municipal, 1995, pp. 243-249

CERÂMICAS DECORADAS A PENTE, DO CALCOLÍTICO PLENO DE LECEIA (OEIRAS) E DA PENHA VERDE (SINTRA)

João Luís Cardoso⁽¹⁾

1 – INTRODUÇÃO

A existência de cerâmicas decoradas com pente, não campaniformes, em povoados calcolíticos da Estremadura, é de há muito conhecida. ÅBERG (1921), representa diversos fragmentos de tais cerâmicas do Outeiro de S. Mamede (Figs. 273 a 275), de Pragança (Figs. 279, 280) e da Rotura (Fig. 118). Outros fragmentos, da gruta sepulcral da Casa da Moura (Óbidos), encontram-se reproduzidos pela 2.^a Comissão Geológica, antes de 1867, e brevemente serão dados a conhecer (CARREIRA & CARDOSO, 1996, Est. II. C, n.^{os} 11, 13 e 15).

Enquanto no Outeiro de S. Mamede e em Pragança tal tipo cerâmico se encontra representado por vários exemplares, os da Rotura, nos trabalhos ulteriores dedicados ao arqueossítio não voltam a ser referidos, nem qualquer outro do mesmo tipo (FERREIRA & SILVA, 1970; SILVA, 1971; GONÇALVES, 1971).

Talvez a raridade deste tipo cerâmico, tenha propiciado, por parte de diversos autores, a sua confusão com outros, mais abundantes. É o caso de Alberto del CASTILLO (1928, Lám. 51 e 52) que, reproduzindo alguns dos exemplares figurados por

⁽¹⁾ *Professor da Universidade Nova de Lisboa e Coordenador do Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras - Câmara Municipal de Oeiras. Sócio efectivo da Associação dos Arqueólogos Portugueses e da Associação Profissional de Arqueólogos.*

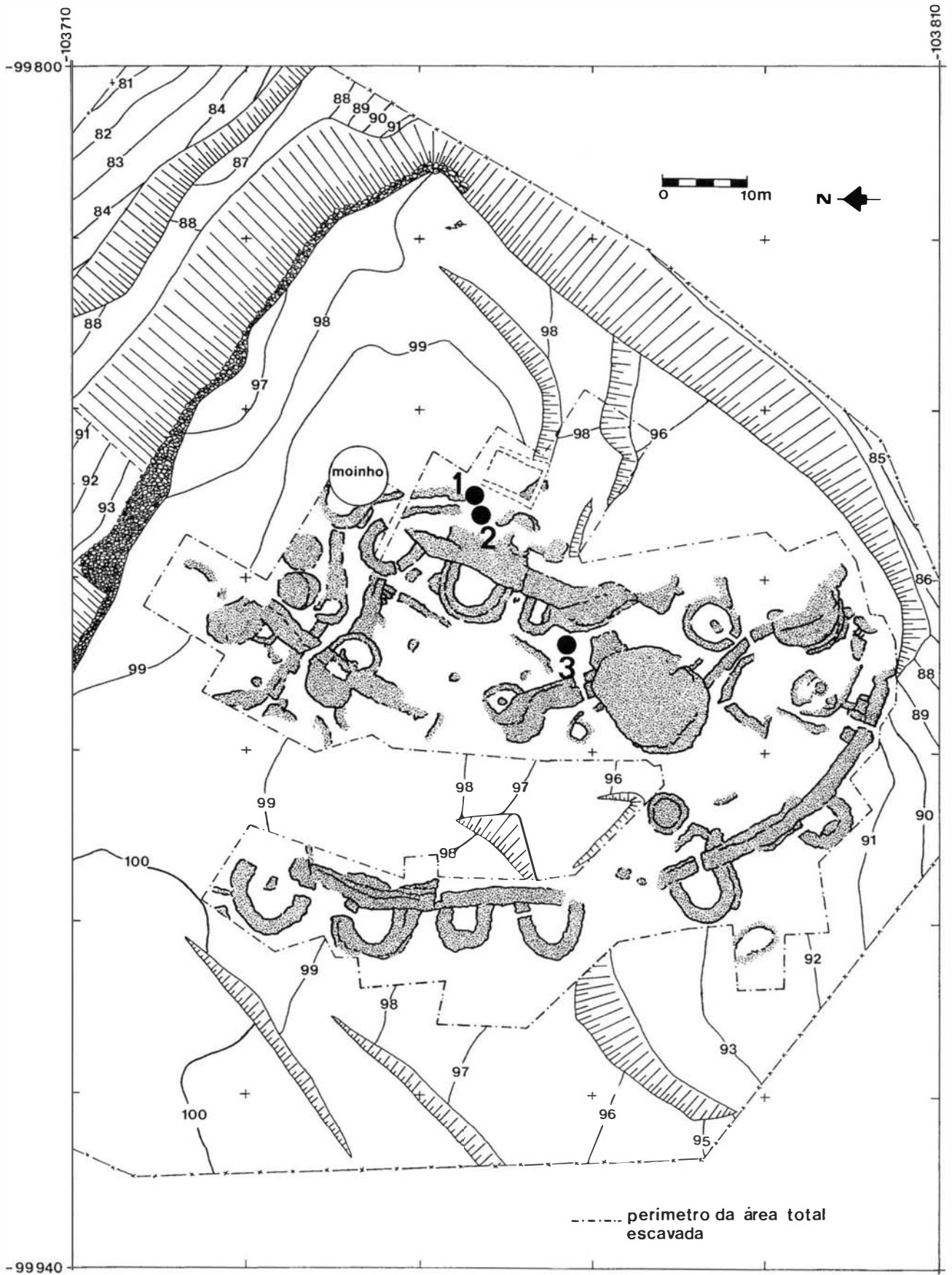


Fig. 1 – Leceia 1983-1995. Planta geral esquemática das principais estruturas, com localização das cerâmicas com decoração a pente exumadas.

ÅBERG (1921) os confunde com cerâmicas campaniformes. Os mesmos fragmentos são, por outro lado, atribuídos por SPINDLER (1981, Fig. 15) a cerâmicas cardiais do Neolítico antigo, exemplos que evidenciam as discrepâncias da sua classificação, resultante do seu quase desconhecimento.

Efectivamente, só muito recentemente foi chamada a atenção para este tipo de cerâmicas decoradas estremenhas, mediante trabalho a elas dedicado, motivado pela revisão do espólio de Pragança (GONÇALVES, 1991). O autor considera diversos tipos de recipientes, bem como várias técnicas decorativas aplicando o pente. Propõe, ainda, a atribuição destas cerâmicas – de que apresenta o respectivo inventário e distribuição geográfica – ao Calcolítico pleno, mais por exclusão de outras alternativas do que pela existência de elementos estratigráficos fiáveis, declarando que “Enquanto não houver mais dados ou enquanto as informações do Zambujal e de outras novas escavações, relativas a esta cerâmica, não vierem a público, será escusado entrar em mais conjecturas” (*op. cit.*, p. 218).

O aparecimento de alguns fragmentos de cerâmicas decoradas com pente, em Leceia, em contexto estratigráfico bem definido, além de um outro exemplar recolhido no povoado pré-histórico da Penha Verde, igualmente com contexto conhecido, estão na origem deste contributo, de evidente interesse no âmbito da caracterização geral destas cerâmicas, objecto recente de um primeiro estudo, de carácter geral, à escala peninsular (VALERA, 1993).

2 – INVENTÁRIO E CONDIÇÕES DE JAZIDA

Leceia – o local de recolha das peças, na área escavada de Leceia, indica-se na Fig. 1. As suas características são as seguintes:

1 e 2 – dois fragmentos, provavelmente de um mesmo “copo”, recolhido em 1987, em Leceia, junto da parede do lado Norte da casa de planta rectangular do século XVIII, na Camada 2 da sequência estratigráfica definida na estação, pertencente ao Calcolítico pleno da Estremadura (CARDOSO, 1994). Pasta castanho-escura; elementos não plásticos grosseiros, de quartzo e feldspato.

Decoração obtida por finas linhas incisas, produzidas pela passagem de um pente com cinco dentes, tantos quantos as linhas observáveis (Fig. 2, n.^{os} 1 e 3).

3 – fragmento recolhido em 1989, no lado interno da Entrada CC2, integrada na terceira linha defensiva. Provém, tal como o anterior, da Camada 2 da sequência estratigráfica geral da estação. Trata-se de vaso cilíndrico (“copo”) de grandes dimensões. A decoração foi obtida através de um pente, ora deslizando sobre a pasta mole,

produzindo linhas incisivas e paralelas, ora aplicado perpendicularmente à superfície, originando impressões punctiformes alinhadas. O padrão decorativo obtido é, desta forma, mais complexo que o do exemplar anterior. Pasta grosseira, com elementos não plásticos muito abundantes de quartzo e de feldspato, e de coloração castanho-avermelhada (Fig. 2, n.º 2).

Penha Verde – fragmento recolhido na Casa 1 do povoado pré-histórico da Penha Verde (escavações de O. da Veiga Ferreira e G. Zbyszewski).

O conjunto do espólio exumado na referida unidade habitacional e, de modo geral, neste arqueossítio, é atribuível ao Calcolítico pleno – sucedendo-se-lhes numerosas cerâmicas campaniformes. Com efeito, qualquer que seja a estrutura habitacional das diversas ali identificadas, os materiais arqueológicos respectivos são globalmente homogêneos, e compatíveis com a atribuição cultural proposta, embora a presença de materiais campaniformes introduza um factor de imprecisão não controlável. Aliás, a qualidade construtiva da referida estrutura não se confunde com a natureza precária das suas homólogas campaniformes, nos escassos exemplos conhecidos, do povoado de Leceia.

O fragmento decorado a pente corresponde a vaso esférico. A decoração, partindo de canelura a toda a volta do bordo, desenvolve-se verticalmente em extensão desconhecida, visto encontrar-se interrompida por fractura. Pasta de coloração castanho-esverdeada, de textura muito grosseira, com elementos não plásticos de feldspato (predominantes) e de quartzo (Fig. 2, n.º 4).

3 – COMPARAÇÕES

Os fragmentos de Leceia, pertencendo a formas cilíndricas, têm os seus antecedentes mais expressivos nos conhecidos “copos” com decoração canelada do Calcolítico inicial da Estremadura (Fig. 2, n.ºs 1, 2 e 3). Diferem, porém, destes, por possuírem pastas e acabamentos muito mais grosseiros, como é característico do Calcolítico pleno, onde tais recipientes ostentam as conhecidas decorações obtidas pela impressão de uma matriz oval, produzindo motivos em “folha de acácia” e em “crucífera”, que subsituem os anteriores (CARDOSO, 1994); o acabamento de tais recipientes, é idêntico ao dos dois exemplos em estudo.

No respeitante à técnica e temática decorativas, os exemplares da Fig. 2, n.º 1 e 3 ostentam apenas uma das técnicas que, com o pente, se podem produzir: por arrastamento. Têm paralelos em exemplar de Pragança, decorado por padrão idêntico de faixas horizontais (GONÇALVES, 1991, Fig. 5, n.º 2).

O outro fragmento (Fig. 2, n.º 2) é mais elaborado; a associação das duas técnicas decorativas produzidas por pente tem paralelo próximo em exemplar do Outeiro de

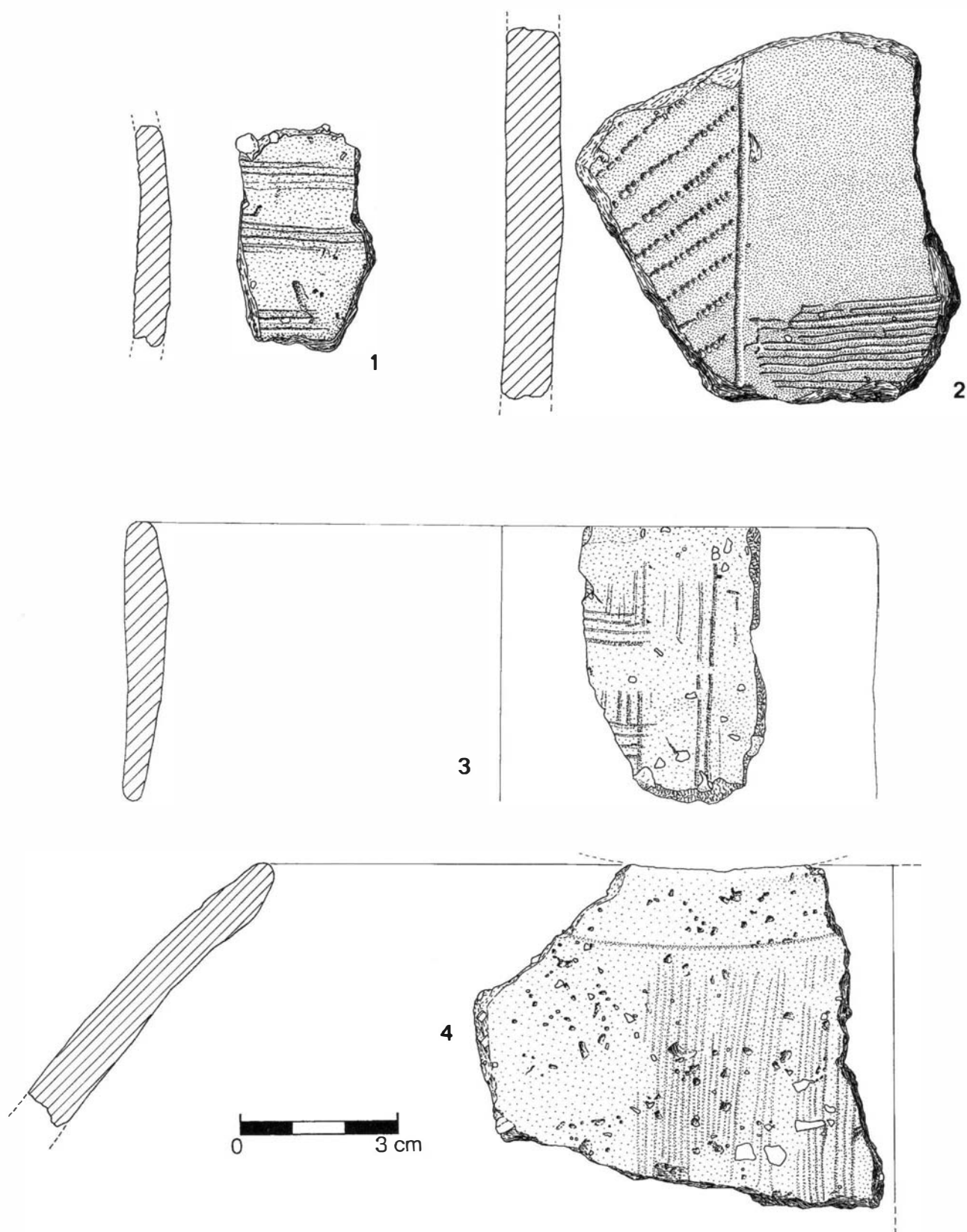


Fig. 2 – Cerâmicas decoradas com pente calcólicas de povoados da baixa Estremadura: 1 a 3 - Leceia (1 e 3 - Lc/87 a Norte da casa do século XVIII, sobre Muralha D, Camada 2; 2 - Lc/89, Lado interno de CC2, Camada 2). 4 - Penha Verde, casa 1 (ZBYSZEWSKI & FERREIRA, 1958).

S. Mamede-Óbidos (*op. cit.*, Fig. 6, n.º 1). Tal como neste, a organização dos dois padrões decorativos desenvolve-se na vertical, para o padrão impresso, a pontilhado, e na horizontal no concernente ao padrão inciso, obtido por arrastamento dos dentes do pente. Outro aspecto que faz aproximar singularmente os exemplares em causa é o facto de ambos pertencerem a copos, de médias e grandes dimensões, carácter que também os diferencia dos seus antecessores do Calcolítico inicial em geral menores.

Em recipiente de Pragança, observa-se, também, a associação das duas técnicas decorativas aludidas (*op. cit.*, Fig. 5, n.º 3), embora a pequenez do fragmento impeça a definição da respectiva forma.

Quanto ao fragmento de Penha Verde, a presença da técnica penteada incisa em vaso esférico, tem paralelo em exemplares da Fórnea (*op. cit.*, Fig. 2, n.º 2) e de Pragança (*op. cit.*, Fig. 3). Porém, ao contrário do exemplar da Penha Verde, nestes, o desenvolvimento da decoração faz-se na horizontal, sendo paralelo ao bordo. Aquele, constitui, deste modo, variante inédita de tal padrão decorativo, no contexto calcolítico da Estremadura.

3 – CONCLUSÕES

O estudo, agora efectuado, de exemplares de cerâmicas calcolíticas decoradas a pente, de Leceia e da Penha Verde, conduziu às seguintes conclusões:

1 – No que concerne à tipologia dos recipientes, estão presentes as formas cilíndricas – correspondente a recipientes “descendentes” dos “copos” do Calcolítico inicial – e a esférica, ambas bem conhecidas no Calcolítico pleno da Estremadura;

2 – No respeitante à técnica e temática decorativas, é nítida a semelhança dos exemplares agora estudados, da região da Baixa Estremadura, com outros, de domínios mais setentrionais (Pragança, Outeiro de São Mamede). A identidade observada, em especial, entre um exemplar de Leceia e outro do Outeiro de São Mamede, vem reforçar a existência de contactos culturais entre domínios geográficos da Estremadura, documentados por outros indícios ao nível da cultura material, como os artefactos de sílex róseo da região de Rio Maior, tão abundantes em Leceia.

3 – A atribuição ao Calcolítico pleno dos três exemplares de Leceia e do da Penha Verde – embora este possa ser mais recente – vem por ora restringir a esta fase cultural, na Estremadura, tais cerâmicas.

BIBLIOGRAFIA

- ÅBERG, N. (1921) – *La civilisation énéolithique dans le Péninsule Ibérique*. Uppsala, Akademiska Bockandeln, 204 p.
- CARDOSO, João Luís (1994) – Leceia 1983-1993. Escavações do povoado fortificado pré-histórico. *Estudos Arqueológicos de Oeiras* (número especial), 164 p. Câmara Municipal de Oeiras.
- CARREIRA, J.R. & CARDOSO, J.L. (1996) – Um conjunto de litografias arqueológicas inéditas da Comissão Geológica de Portugal. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, 6 (no prelo).
- CASTILLO, A. del (1928) – *La cultura del Vaso Campaniforme (su origen y extension en Europa)*. Universidad de Barcelona, 216 p.
- FERREIRA, O. da Veiga & SILVA, C. Tavares da (1970) – A estratigrafia do povoado pré-histórico da Rotura (Setúbal). Nota preliminar. *Actas das I Jornadas Arqueológicas da Associação dos Arqueólogos Portugueses* (Lisboa, 1969), 2, p. 201-225.
- GONÇALVES J.L. Marques (1991) – Cerâmica calcolítica da Estremadura. *Actas das IV Jornadas Arqueológicas da Associação dos Arqueólogos Portugueses* (Lisboa, 1990), p. 215-226.
- GONÇALVES, V. dos Santos (1971) – *O castro da Rotura e o Vaso Campaniforme*. Junta Distrital de Setúbal, 271 p.
- SILVA, C. Tavares da (1971) – O povoado pré-histórico da Rotura. Notas sobre a cerâmica. *Actas do 2.º Congresso Nacional de Arqueologia* (Coimbra, 1970), 1, p. 175-192.
- SPINDLER, K. (1981) – *Cova da Moura. Die Besiedlung des Atlantischen Küstengebietes Mittelportugals von Neolithikum bis an das Ende der Bronzezeit*. Verlag Philipp von Zabern, Mainz am Rhein, 290 p.
- VALERA, A.C. (1993) – A ocupação calcolítica da “Sala 20” do Buraco da Moura de S. Romão. *Trabalhos de Arqueologia da E AM*, 1, p. 37-53.
- ZBYSZEWSKI, G. & FERREIRA, O. V. (1958) – Estação pré-histórica da Penha Verde (Sintra). *Comunic. Serv. Geol. Port.* 38, p. 37-57.